

POLÍTICA

BASE ALIADA

Líderes governistas cobram do Palácio do Planalto uma mudança no tratamento dispensado aos parlamentares. Queixas vão da desatenção de ministros à demora das nomeações para cargos federais

Senadores reclamam “afago” do governo

GUILHERME EVELIN

DA EQUIPE DO CORREIO

Até a última quinta-feira, o governo vinha se equilibrando nas votações no Senado em cima de uma maioria frágil, costurada com dissidências nos partidos de oposi-

ção e árduas negociações em que o Palácio do Planalto acabava fazendo concessões — em alguns casos, além do que desejava. Com a derrota na votação do mínimo, caiu a ficha: o governo é minoria no Senado e terá de reconstruir a sua base de apoio naquela casa.

Após a votação, aliados são

unânicos na cobrança de um novo relacionamento do Palácio do Planalto com as bancadas no Senado. “Essa votação foi um divisor de águas. Vai mudar a relação do governo com o Senado”, disse o líder do governo no Congresso, Fernando Bezerra (PTB-RN).

No mesmo tom, o líder do

PMDB, Renan Calheiros, defendeu ontem a necessidade de “refundação” da maioria do governo no Senado. “É preciso construir uma relação em novas bases”, afirmou Renan, ao eximir-se de culpa pelas cinco dissidências peemedebistas que votaram contra o governo. “Entre os partidos

aliados, o PMDB foi o que, proporcionalmente, teve menos defecções. Menos até do que o PT”.

Por trás das reivindicações de novo relacionamento, o subtexto é claro. Os senadores querem mais deferência a seus pedidos — desde audiências com ministros até nomeações para cargos fede-

rais. “O governo não tem dado o apreço devido àqueles que colaboram com a administração, sejam aliados ou não”, disse ontem o senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA). Ele reclamou do fato de que o governo não quer gestos de “afabilidades” com os políticos.